

## DIÁRIOS PESSOAIS: ISOLAMENTO OU CONVIVÊNCIA? PERSONAL DIARIES: ISOLATION OR COEXISTENCE?

Sergio Barcellos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Diários pessoais têm sido considerados, desde há muito, uma forma de “refúgio do eu”. Seriam os diários o reduto privilegiado do exercício da subjetividade, da prática de confissões, da promessa de sinceridade e da obrigatoriedade de autenticidade. Inseridos no grupo dos escritos pessoais ou autobiográficos, teriam como diferencial em relação aos textos literários ficcionais a sua referencialidade. Tanto no que diz respeito a um possível pacto autobiográfico, quanto em função de remeterem a fatos e pessoas existentes e passíveis de serem verificados. Aqui, ensaio uma demonstração do contrário ao senso comum, abordando o diário como um espaço de relação, de convivência, de vivência e de desempenho de funções (existenciais, sociais, religiosas, etc.), apontando para o sentido oposto do estigma de refúgio do eu, a começar pela forma como o eu se reconhece: não mais como centro, mas como parte de um todo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Diários. Identidade narrativa. Pacto Autobiográfico. Alteridade.

No volume terceiro de *Tempo e narrativa*, Paul Ricœur dedica uma seção ao exame da identidade narrativa, cuja presença já havia permeado suas reflexões ao longo de sua carreira. Ainda, talvez, sem ter sido denominado como tal, é claro o desenvolvimento do conceito a partir de questionamentos capitais na obra de Ricœur em temas como a temporalidade, a narratividade, a hermenêutica do sujeito e, naturalmente, a identidade pessoal. Presente em toda a obra do filósofo francês, está a antiga convicção de que haveria uma forma diferente de o sujeito se reconhecer como tal, e essa forma, sua identidade, não poderia ser a crença “na idéia de um ego como autodesconhecimento imaginário e ilusão narcisística” (LEVY, 2007, p. 52). Colocando-se entre as filosofias do *cogito* e aquelas que o renegam, Ricœur desenvolve uma reflexão que aponta a função narrativa como única forma de mediação entre o sujeito e sua verdade íntima. A narrativa de si, como mediação entre sujeito e sua identidade, patrocina um exame reflexivo da vida e o reconhecimento de uma identidade dissociada da ilusão e do auto-engano.

---

<sup>1</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: barcellossergio@aol.com

Diante da tradição cartesiana, Ricœur se questiona – para efeitos de uma reflexão acerca da identidade pessoal – sobre quem é o “eu” que pensa e o que significa conhecê-lo. O ensinamento socrático “conhecer-se a si-mesmo” desdobra-se em duas questões específicas:

a) o que significa esse conhecimento de si?; A herança de Descartes opõe sujeito e objeto. Quando se trata de pensar o mundo, as coisas e o outro, a distinção é clara e funcional. Quando se trata de conhecer a si-mesmo, a distinção sujeito-objeto do sistema cartesiano representa um problema. Como pensar o si-mesmo sem que seja necessário ou compulsório objetivá-lo? Como resolver o impasse do problema do conhecimento – o método através do qual o sujeito pode conhecer seguramente um objeto – no que se refere ao conhecimento de si?

b) a que remete esse “si-mesmo”?; Para viabilizar seu método, rompendo ou querendo romper com a tradição metafísica, foi preciso que Descartes encarasse o sujeito como imaterial e a-histórico. Uma vez posto metodologicamente fora do tempo e do espaço, o sujeito cartesiano representaria um desafio para pensar o si-mesmo, ou o conceito de identidade pessoal.

Para sair do impasse, será necessário recolocá-lo no tempo e espaço e reconhecer a linguagem como principal veículo de transmissão da tradição e do conhecimento. Inserido novamente em um contexto histórico, o sujeito se encontrará indissociado da linguagem: será através dela que ele se reconhecerá, a partir de uma operação de interpretação. E a hermenêutica do sujeito se justifica, assim como o desvio que será necessário para que o sujeito consiga entender-se e conhecer-se. Para Ricœur, só haveria uma forma de o sujeito efetuar uma operação de conhecimento de si-mesmo em que tivesse um ganho concreto: através do “desvio pelo outro, pela alteridade, ou, mais precisamente, pela dialética do mesmo e do outro” (LEVY, 2007, p. 53). Dessa forma, será através da análise de seus próprios atos, via interpretação dos signos de sua existência, ou seja, através de uma análise crítica, que o sujeito poderá aceder à sua verdade interior ou identidade (sempre, em Ricœur, entendida como (auto)conhecimento através da interpretação).

Uma vez de volta a um contexto de historicidade e de reflexividade, o sujeito somente poderá efetivar uma operação de autoconhecimento via linguagem, ou, como quer Ricœur, ao tentar responder às questões “quem é o eu que pensa, que duvida, que existe?” (LEVY, 2007, p. 54). Segundo Levy,

A via longa para responder a tal pergunta implica que o sujeito precisa começar a narrar, a contar sua história. Sabemos de maneira intuitiva que a vida de uma pessoa torna-se compreensível quando nos inteiramos das histórias contadas a seu respeito. E espontaneamente também, aplicamos configurações narrativas a elas (drama, romance, comédia, etc.) (LEVY, 2007, p. 54).

Uma história que não segue os modelos aristotélicos de inteireza e unidade, um *script* iniciado pelo meio e que não atinge, necessariamente, um final determinado: assim é a história da existência que começa a ser narrada, para gerar um conhecimento de si. E, nesse enredo, o outro tem um papel fundamental. Será através dele que serão inseridas as imagens que o sujeito faz de si-mesmo. As expectativas que alimenta de si e para si são aquelas que ouve do outro e que nele vê. As histórias que formam seu imaginário são histórias do outro, em que se projeta e transpõe, habitando outras narrativas, ainda que na imaginação. Para Ricœur, tal processo seria um processo de “refiguração”. Como projeto existencial, o sujeito estaria sempre inacabado visto que a linguagem não daria conta de toda sua existência, e, também, seria maleável e passível de ser modelada pelo outro. Ao contar sua história, modifica-se ao mesmo tempo em que se reconhece nela. Constrói sua identidade ao mesmo tempo em que desconstrói a idéia de uma identidade monolítica e imutável. Se o próprio sujeito, ao narrar-se, se altera, ao ser narrado por outro, por um biógrafo, por exemplo, estaria contando com a participação deste na constituição do sentido de sua vida, da sua identidade.

O papel da linguagem, aqui, se mostra capital e, para Ricœur, se fez imprescindível refletir sobre duas naturezas narrativas e seu eventual cruzamento, na operação de identidade do sujeito: a narrativa histórica e a ficcional. A identidade compreendida através da mediação narrativa de suas histórias seria o território onde narrativa histórica e narrativa ficcional estariam fundidas:

O conhecimento de si é uma interpretação, a interpretação de si, por sua vez, encontra na narrativa, dentre outros signos e símbolos, uma mediação privilegiada, essa mediação narrativa abarca em si tanto a história como a ficção, fazendo da história de uma vida, uma história ficcional, ou se preferirmos, uma ficção histórica, comparável àquelas biografias dos grandes homens nas quais encontramos uma mistura de história e ficção (RICŒUR *apud* LEVY, 2007, p. 55).

A narrativa, que segundo Ricœur aproxima história e ficção, deve ser entendida em seu sentido primeiro, aristotélico, o qual compreende uma representação da ação humana, configurada de forma imaginativa, através de uma intriga. A compreensão da narrativa, da história de uma vida, estaria estritamente ligada a uma configuração temporal, que exigiria

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

relações causais, inteireza e unidade, eventos e atitudes capazes tanto de desorganizar como de reordenar o universo narrado. Dessa forma, uma dimensão temporal estaria sempre presente, seja apontando para uma convergência de interesses – a que Ricœur chama “concordância” –, ou para uma divergência, a que chama “discordância”. Para Levy,

Ricœur mostra que o tempo humano só se compreende narrativizado. Dito de outro modo, a experiência temporal humana, como futuro-vertendo-se-no-passado-atravesando-o-presente, só encontra uma representação adequada na semântica das ações colocadas em intriga pela narrativa (LEVY, 2007, p. 56).

A relação entre história e ficção, tão cara a Ricœur, vem ocupar de um lugar diferente do que normalmente ocupa: não mais representando uma relação **história = realidade** e **ficção = irrealidade**, mas entendidas ambas como tributárias de uma operação de interpretação. Na narrativa da história, nem mesmo os documentos se vêem dispensados da submissão à interpretação. Além disso, a historiografia não conseguiu, até hoje, dispensar o auxílio da narratividade e suas implicações quanto ao uso de artifícios narrativos – ou configurações narrativas, como mencionado há pouco. A ficção literária, por outro lado, ainda que lide com o irreal, estaria encaixada em uma moldura histórica, causando efeitos no plano do real, como, por exemplo, ao transformar uma visão de mundo através de um efeito de leitura:

Retomando as análises do crítico literário Wolfgang Iser, Ricœur descreve como o ato de leitura, no caso da literatura, produz uma dialética entre o mundo do leitor e o mundo da obra que é efetiva para a transformação tanto de um como do outro. A mudança do mundo do leitor é um efeito real produzido pela recepção do mundo irreal projetado pela obra de ficção. Nessa medida, a ficção refigura o real e, portanto, mesmo que de forma peculiar, refere-se a ele assim como a história (LEVY, 2007, p. 56).

Assim, a identidade narrativa estaria situada na interseção de vários conceitos explorados por Ricœur, formando o que ele chama de autobiografia, ou simplesmente, biografia. No caso específico das escritas pessoais como práticas textuais constituintes de identidades e como leituras que afetam a constituição de identidade do outro, a aproximação das reflexões de Ricœur com a teoria do efeito estético de Iser se mostra bastante produtora. O sujeito, cuja identidade é formada tanto pelo que há de substância, mas principalmente pelo que é mutável e descontínuo, narra sua história de vida, a qual estará irremediavelmente repleta da tradição e da história do outro. Quando lida, a narrativa pessoal é transformada pela

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

participação do outro enquanto leitor, e este é transformado duplamente, primeiramente pela ação exercida pelo texto sobre seu próprio conhecimento de si e, em seguida, pela sua capacidade de preencher “lacunas” no texto narrativo que tanto trata do outro quanto de si-mesmo, o leitor. Esse efeito performativo da narrativa pessoal pode ser entendido como uma extensão do efeito estético *iseriano* (uma vez que este se refere ao texto ficcional), no contexto da configuração de uma identidade narrativa, como quer Ricœur, que se forma através da mediação narrativa que engloba as operações referidas acima.

A reflexão sobre a distinção do que Ricœur denomina identidade-ipse e identidade-idem, e que se referem ao que haveria de permanente no sujeito através do tempo, pode ser retomada dentro do contexto da identidade narrativa. Se por *idem* ou *idêntico* podemos pensar tudo aquilo que se presta no reconhecimento de uma pessoa através do tempo, ou seja, seu caráter, seu temperamento, etc., por *ipseidade*, entender-se-ia aquilo que não configura um substrato idêntico, mas que permanece através do tempo apesar de toda uma gama de transformações que podem ser observadas ao longo da vida do sujeito (mudanças físicas, psicológicas, ideológicas, sociais, etc.). O exemplo dado por Ricœur, a promessa, demonstra que o sujeito se compromete a honrar sua palavra, reconhece-se como “sujeito ético ou objeto de imputação moral” (LEVY, 2007, p. 57). Esse comprometimento, algo não-substancial, é responsável com que um sujeito possa ser reconhecido como o mesmo através do tempo. A vinculação dessa distinção entre identidade-idem e identidade-ipse feita com a narratividade resulta na solução do impasse demonstrado desde o início por Ricœur, entre uma concepção de sujeito monolítico, íntegro, idêntico a si mesmo através do tempo, e outro sujeito, empírico, resultado de ações, volições, cognições, emoções, etc. O sujeito, como Ricœur o compreende, seria sempre uma dialética entre essas polarizações, cujo pilar representaria uma concepção de identidade narrativa dinâmica, atualizando-se incessantemente ao longo de um eixo temporal:

Nesse sentido, aquilo que denominamos permanência do sujeito no tempo não se diferencia em nada da identidade narrativa. Conhecer o si-mesmo é narrar sua história e ele existe enquanto sua história se desenrola no tempo. Da mesma maneira, sua identidade confunde-se com a concordância-discordância, o agenciamento dos fatos numa intriga, com a imaginação criadora que produz metáforas capazes de reunir o diverso num todo. O *self* encontra na identidade narrativa a possibilidade de refigurar-se de maneira mais autêntica (LEVY, 2007).

As escritas pessoais, devido mesmo à sua delicada posição de textos referenciais inseridos, muitas vezes, na ordem do literário, não estariam menos propensas a presenciar em seu corpo a convergência do histórico e do ficcional, nem mesmo estariam isentas de assumir, em sua realização, artifícios narrativos que venham a reforçar sua inserção em uma dimensão de temporalidade assim como venham também a dar uma forma narrativa aparentemente coerente a uma realidade fragmentada e desconexa. Em se tratando de autobiografias e memórias, o panorama do sujeito em meio a esse processo de identificação ou reconhecimento de si-mesmo pode obedecer a alguns requisitos discursivos básicos, que mascaram a fragmentação ou, ainda, pretendem uma teleologia e uma inteireza que não são reconhecidas na vivência cotidiana do sujeito. No caso de diários, entretanto, a relação da prática de escrita diarística com a temporalidade, por ser evidente, retira aparentemente o sujeito da armadilha dos artifícios discursivos e o mostra fragmentado, ignorante do porvir, e, por isso mesmo, em contínuo processo de formação. Se concordarmos com a concepção de identidade-ipse ou ipseidade, será nessa relação sujeito-narrativa que se dará a constituição da identidade, ou sua manutenção através do tempo, pela narrativização. O desvio pela narrativa, como quer Ricœur, aponta também para a inegável presença do outro como partícipe desse processo. E essa aproximação entre *sujeito*, *self* ou *eu*, e o *outro*, no nível mesmo da constituição da identidade, é uma revelação clara da potência da escrita pessoal em geral e da diarística em particular, como índices evidentes do processo de constituição de identidade, independentemente da função estrita da prática da escrita. Em diários, esse processo estaria presente mesmo naqueles cujo objetivo é determinado, como os diários de bordo, de campo, ou meramente nos registros de eventos, se colocados os textos diarísticos em perspectiva mais ampla em relação ao sujeito da escrita.

Em um trabalho recente, Judith Butler examina alguns aspectos da constituição do sujeito que podem contribuir para a maneira como a identidade narrativa é compreendida nesse artigo. Partindo de uma observação sobre a concepção de sujeito, em Foucault – em que o sujeito estaria se constituindo dentro e de acordo com um regime de verdade –, Butler aponta para uma incompletude existente nessa noção, que diz respeito à motivação para o estabelecimento de uma “verdade” pessoal, que estaria no “desejo de reconhecer o outro e de ser reconhecido por ele” (BUTLER, 2007, p. 66). Tal desejo, realizado através da aventura narrativa de cunho autobiográfico, apontaria para um desdobramento do problema, que seria exatamente a natureza do “eu” e do “tu”, nessa dimensão comunicativa estabelecida pela

narrativa. O “eu” supostamente conheceria mais sobre si mesmo através de uma narrativa pessoal endereçada ao outro, uma narrativa que tentaria resumir o como e o porquê o sujeito é quem é. O problema, segundo Butler, surge a partir do momento em que se torna impossível para esse “eu” dar conta de como ele se tornou quem é e de como ele poderia ser capaz de contar sua história particular ou de se autonarrar. E isso porque, nessa narrativa, ele não seria nada além de uma voz narrativa – um pronome cuja referência se constrói juntamente com a história:

Et lorsque je construis une séquence ou que je relie un événement à un autre, en donnant des motifs qui éclairent cette liaison, en rendant clairs les contours, en identifiant des moments clés parmi les événements ou les moments de reconnaissance, en rendant fondamentaux certains schémas récurrents, je ne communique pas seulement quelque chose de mon passé, même si cela en fait indubitablement partie. Je promulgue également le « je » que j’essaie de décrire ; le « je » narratif est reconstitué, dans l’histoire même, à chaque moment où il est invoqué. Paradoxalement, cette invocation est un acte performatif, et non pas narratif, même s’il fonctionne comme le pivot de la narration elle-même (BUTLER, 2007, p. 67).

O ato performativo a que se refere pode ser entendido nesse contexto como um processo infinito, em que, através da narrativa, o pronome “eu” vá construindo redes de relações com o mundo em que está inserido e que insere em seu relato. Se, por um lado, essa constatação reitera a hipótese que perpassa esse artigo; por outro, ela radicaliza – tanto quanto a negação nietzschiana do sujeito – a idéia de que o sujeito jamais será capaz de se conhecer através de sua narrativa (e, portanto, não haveria uma constituição de identidade como processo nas narrativas pessoais). Butler considera que o sujeito que narra sua história, mesmo com índices bem evidentes de sua presença, tal como a voz narrativa em primeira pessoa, forma um ponto de opacidade, pois o “eu” fracassa ao tentar dar conta de si-mesmo no momento em que tenta se narrar:

Je rends compte de moi sans pouvoir rendre compte de la formation de ce “je” parlant; qui raconterait sa vie. Plus je me raconte, moins je me révèle être racontable. Le « je » ruine sa propre histoire, en dépit de ses intentions les meilleures (BUTLER, 2007, p. 68).

Apesar de aparentemente contraditória com o que se tenta mostrar aqui, a reflexão de Butler atinge um ponto de convergência com a proposta da alteridade como força motriz da escrita do eu quando aponta para a única maneira de o sujeito dar conta, narrativamente, de

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

sua própria história: através da interpelação. Será somente ao dirigir sua narrativa ao outro que o sujeito poderá dar conta de quem é, ou pensa ser. Dessa forma, a realização do “eu”, possível apenas no momento mesmo da enunciação, e pelo próprio enunciador, se firma enquanto identidade por instaurar uma relação dialógica, na qual podemos reconhecer o que Ricœur identifica como o núcleo da identidade-ipse, a promessa:

Si j'essaie de rendre compte de moi, c'est toujours en m'adressant à quelqu'un – à quelqu'un qui, je suppose, peut recevoir mes mots d'une certaine façon, même si je ne sais pas ni peux savoir de quelle façon. En fait, celui qui est placé comme récepteur peut bien ne rien recevoir du tout, faire quelque chose qui ne peut en aucune circonstance être qualifiée de « réception », se bornant à mettre en place un certain site, une position, un endroit structurel par rapport à moi, où s'articule la relation à une possible réception (BUTLER, 2007, p. 68).

Esse local “estrutural” pode servir de resposta a uma problemática persistente nos estudos sobre a escrita diarística: é possível existir a pretensão de escrever um texto sem destinatário? Ao pôr em palavras, não estaria o diarista estabelecendo uma situação de comunicação? A possível recepção, ainda que jamais venha a se realizar, está inserida no projeto do sujeito de se autonarrar, é ela quem garante que haverá êxito nessa empreitada. Butler compara essa operação de estabelecimento de uma recepção possível à experiência da transferência:

Cette relation à une possible relation peut prendre de nombreuses formes : personne ne peut entendre cela ; celui-ci comprendra pas là-bas ; on ne me jugera, me rejettera, on m'acceptera, me comprendra. Ici comme ailleurs, le transfert produit un scénario à partir du passé, mettant précisément en place ce qui ne pourrait trouver une autre forme expressive (BUTLER, 2007, p. 68).

Outras correlações poderiam ser feitas, como por exemplo, pensar que a transferência que se dá, para a criação desse local onde a recepção é possível, a partir do reconhecimento do sujeito como outro narrativo, constituído de palavras, e de histórias. As relações entre a presença do outro e a manutenção do diário tocam a superfície de questões há muito imprescindíveis ao estudo do diário como prática de escrita, uma vez que questionam estereótipos ainda presentes de que se trataria de uma escrita sem destinatário, interdita, ou de um hábito narcísico e de auto-isolamento.

## 1. Vivendo autobiograficamente

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.



No prefácio de seu último livro, *Living Autobiographically – How We Create Identity in Narrative*, o pesquisador norte americano Paul John Eakin explica que:

This is a book about narrative and identity, indeed about a connection between them so close that one may speak of narrative identity. The basic proposition here is that narrative is not merely something we tell, listen to, read, or invent; it is an essential part of our sense of who we are (EAKIN, 2008, p. ix).

Aparentemente, Eakin estaria sugerindo que uma noção outra de identidade narrativa seria formulada por ele, talvez com base na reflexão de Ricœur, devido ao fato de manter a mesma terminologia. Além disso, ao deixar claro que trata da narrativa em sentido amplo – e não somente na dimensão do literário, em geral, ou relativo à narrativa autobiográfica, em particular –, suspeita-se que o conceito de Ricœur esteja sendo ampliado por Eakin, à luz de novas conclusões surgidas no campo dos estudos autobiográficos em função de desdobramentos filosóficos do exame da noção de identidade pessoal. Entretanto, ao prosseguir com a leitura, o leitor se depara com algumas propostas que, ao contrário do que pensava, não levam a Paul Ricœur, e sim a um tópico também superficialmente tocado por Ricœur: a neurobiologia. Eakin explica que, ao longo das três décadas em que vem se debruçando sobre o estudo da autobiografia, o momento presente seria o que maior impacto vem causando, por apresentar evidências de um fenômeno muito mais abrangente do que o estudo literário em si, embora ligado à prática de uma escrita autobiográfica:

I see published autobiographies as only the most visible, tangible evidence of the much larger phenomenon that this book seeks to describe, the construction of identity that talking about ourselves and our lives performs in the world. I believe that our life stories are not merely *about* us but in an inescapable and profound way *are* us, at least insofar as we are players in the narrative identity system that structures our current social arrangements – in the United States at any rate (EAKIN, 2008, p. x).

A surpresa, ainda no prefácio, é tamanha. Eakin refere-se a um sistema da identidade narrativa, no qual estamos inseridos, que estaria não submetido aos arranjos sócio-culturais, mas seria, ele mesmo, o sistema, a estrutura de tais arranjos. Participantes desse sistema estruturante de arranjos sociais (que ele, cuidadosamente, restringe à realidade norte-americana), o sujeito estaria, sim, subjugado a um determinismo social, em princípio, mas também a um determinismo neurobiológico, ainda que venha, depois, minimizar o que sugere

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

ser determinismo. Para Eakin, o exercício de auto-apresentação (a resposta a uma judicosa e simples pergunta: quem somos?) estaria inserido em um conjunto que englobaria, primeiramente, a obediência a determinadas regras sociais de regulamento do discurso visando estabelecer, na auto-apresentação, uma imagem de normalidade. Ele retoma aqui o caminho percorrido anteriormente, com o seu *self*-incorporado, para reafirmar que nossa idéia de identidade é moldada pela nossa vida *em e como* um corpo, utilizando, para isso, a perspectiva neurobiológica. Se antes utilizava com comedimento o termo “identidade narrativa”, nesse seu novo livro, cuja proposta seria a de explicar sobre a construção da identidade através do ato narrativo, Eakin determina como prioritária a definição do conceito e esclarece que, para ele, identidade narrativa sugere que “when we say who we are, we draw on – but are not wholly determined by – the physical and social constraints of our lives in human culture” (EAKIN, 2008, p. x-xi).

Para iniciar sua reflexão, Eakin sugere que estamos sempre “falando sobre nós mesmos” (*talking about ourselves*), mesmo quando não temos um interlocutor à nossa frente. Esse ato de autonarrativa seria primordial para a construção da identidade, pois, a cada momento, estaríamos reescrevendo nossas vidas e nos inserindo no contexto espacial e histórico. Para ilustrar essa capacidade performativa da autonarração, o autor evoca as pesquisas do neurologista Oliver Sacks sobre as conseqüências da perda de memória (aqui como elemento de coesão entre as autonarrativas) de pacientes com lesões cerebrais graves. Um caso em especial, citado por Sacks, é evocado por Eakin: trata-se de um paciente cuja memória de trabalho está prejudicada, e, para fugir ao vazio identitário, recria-se a todo o momento:

Because the patient, “Mr. Thompson”, could not remember who he was for more than a minute or two at most, he spent his waking hours in frenetic self-invention, seeking to construct new identities to take the place of old ones that he forgot as soon as he created them (EAKIN, 2008, p. 2).

Sacks quer, com esse exemplo, demonstrar os dois pilares que sustentam a identidade, dentro da perspectiva da neurociência e da psicologia cognitiva: memória e narrativa. Através da incessante autonarrativa, construída a partir de dados da memória que unificam, por assim dizer, a feição do sujeito, a identidade estaria sendo preservada. Eakin vai mais além, atribuindo à narrativa a função de autoconstituição do sujeito. E por narrativa compreende mais do que a produção de um texto autobiográfico:

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

I propose, as Sacks does, an extremely close and dynamic relation between narrative and identity, for narrative is not only a literary form but part of the fabric of our lived experience. When it comes to our identities, narrative is not merely *about* self, but is rather in some profound way a constituent part *of* self (EAKIN, 2008, p. 2).

Mas será no texto autobiográfico ou, melhor dizendo, na prática autobiográfica, que Eakin encontrará subsídios para formular sua reflexão sobre a identidade narrativa. Para ele, a autobiografia é muito mais do que uma história de vida concentrada nas páginas de um livro. Autobiografia, como um discurso da identidade, estrutura nossas vidas. Devido ao fato de termos como normal o hábito da autonarração, que aprendemos desde criança, o valor do ato autobiográfico fica em segundo plano, tornando-se relevante somente quando há uma ruptura ou perda da coesão entre as autonarrativas. Transferindo a ação do ato autobiográfico para o território dos diários, fica clara a função do diário como instrumento de constituição de identidade operando tanto no plano da preservação da memória quanto no plano performativo da construção da identidade pela via da autonarração. É óbvio que, devido às inúmeras funções a que diários se prestam, haveria casos em que a inscrição mais objetiva – os registros menos pessoais – estaria negando essa argumentação. Entretanto, poder-se-ia imaginar que uma tentativa de subtração do componente da subjetividade seria ela também um traço indicativo de um processo de constituição de identidade que se desenrola sob circunstâncias sócio-culturais e históricas específicas.

## **2. O sistema da identidade narrativa**

O ponto mais interessante desse estudo de Eakin é o que ele chama de sistema da identidade narrativa. A autonarração, ou o hábito de falarmos sobre nós mesmos, foi assimilado por nós ao longo do processo de crescimento e de socialização. Sua pretensa casualidade esconde, na verdade, uma obediência a regras, além do risco de penalidades nos casos em que não se obtém êxito nas relações interpessoais. Ou seja, quando alguém falha em se fazer reconhecer pelo outro, através de sua autonarrativa, estaria correndo o risco de ser alijado do sistema da identidade narrativa:

Despite our illusions of autonomy and self-determination – “I write my story, I say who I am” – we do not invent our identities out of whole cloth. Instead, we draw on the resources of the cultures we inhabit to shape them, resources that specify what it

means to be a man, a woman, a worker, a person in the settings where we live our lives (EAKIN, 2008, p. 22).

Embora pareça estar reduzindo a complexidade de sua afirmação ao modelo de construção de identidade dentro da perspectiva construtivista, Eakin está, em vez disso, desafiando a possibilidade de se explicitar a forma como esse processo ocorre. Para ele, a construção da identidade do sujeito via relações sociais sobrevém de maneira inconsciente. Não que haja um determinismo social, mas há modelos que se transferem de discurso para discurso, até serem assimilados e utilizados, quando apropriados ao sujeito, no discurso da autonarração com o objetivo de se reconhecer e se fazer reconhecido. Fica evidente, ao situar essa reflexão em perspectiva com o percurso analítico de Eakin, que o autor pretende ir além de simples afirmações tais como “o sujeito se constitui pela linguagem” ou “o sujeito se constitui através de suas relações sociais”. O que Eakin sugere é que a obediência às regras do jogo do sistema de identidade narrativa possui raízes mais profundas do que a influência exercida pela inserção em determinada estrutura social. Quanto à explicação lingüística da constituição do sujeito, Eakin tratará dela mais adiante, mas já antecipa que está lidando com o ato autobiográfico dentro de uma perspectiva mais ampla do que a dimensão textual. Antes mesmo de pretender um auto-reconhecimento, o sistema da identidade narrativa nos levaria a pensar na importância de nos “descrevermos” de forma coerente e apropriada, pois

the stakes turn out to be high, for we are all players in what I have called a narrative identity system, an identity regime that not only sets limits, socially, to what we can say and write about ourselves but determines as well our recognition by others as normally functioning persons (EAKIN, 2008, p. 31).

Eakin prossegue com considerações várias sobre o que chama de regras do jogo. Das principais regras, destaca a controvertida liberdade de expressão quando se trata de narrativas autobiográficas. Em que medida um sujeito pode publicar ou divulgar, através de qualquer meio, sua história de vida sem que esteja violando o direito à privacidade dos outros. Isso porque, antes de atribuir ao leitor ou destinatário do ato autobiográfico uma demanda de sinceridade – que é o tópico principal de Eakin nessa seção de seu livro –, a explanação sobre a natureza relacional da identidade e sobre a composição múltipla do sujeito exemplifica mais eficientemente os cuidados necessários à difusão de um ato autobiográfico, quando se trata de revelações pessoais que possam envolver – e sempre, de acordo com o conceito de identidade

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

relacional, envolvem – terceiros. Para finalizar essa breve resenha e consideração sobre seu mais recente livro, gostaria somente de apresentar as reflexões de Eakin sobre o entrecruzamento da prática autobiográfica e as mais recentes investigações no campo das neurociências.

## 2. O que realmente acontece quando lemos um texto autobiográfico?

Partindo de sua própria impressão pessoal durante a leitura de textos autobiográficos, Eakin questiona o que realmente acontece durante a prática da leitura. A que o leitor tem realmente acesso? À narrativa ou ao sujeito nela exposto? A alusão que faz ao prefácio de Walt Whitman, ao seu próprio livro, *Leaves of Grass*, em que o poeta provoca o leitor: “Camerado, this is no book, / Who touches this touches a man” (WHITMAN *apud* EAKIN, 2008, p. 60), ilustra bem aonde quer chegar. O texto autobiográfico, para além de ser um registro do eu, um texto sobre o sujeito, é em si-mesmo o sujeito. E, para fundamentar essa premissa, apesar de deixar claro que ela possa parecer um tanto “extravagante”, Eakin recorre a uma abordagem da identidade narrativa a partir de suas fontes somática e corporal. Para tanto, acredita ser necessário rever alguns pontos da crítica estruturalista, principalmente em Barthes, quando este diz não haver referente no que concerne o sujeito. A hegemonia do sujeito como efeito de linguagem é minimizada por Eakin ao associá-la, para entender o que constitui o sujeito, ao que considera ser um dom inato, transcendental, “something we are born with, something we somehow just ‘have’” (EAKIN, 2008, p. 65). Logo, será preciso explicar em que consiste essa natureza genética da narrativa autobiográfica e, para tanto, recorre ao trabalho do neurologista Antonio Damasio, para quem o sujeito não seria um efeito da linguagem, mas um efeito da estrutura neurológica do cérebro. Sua argumentação é, aparentemente, simples:

If language operates for the self and for consciousness in the same way that it operates for everything else, that is, by symbolizing in words and sentences what exists first in a nonverbal form, then there must be a nonverbal self and a nonverbal knowing for which the words “I” or “me” or the phrase “I know” are the appropriate translations, in any language... The idea that self and consciousness would emerge after language, and would be a direct construction of language, is not likely to be correct... If self and consciousness were born *de novo* from language, they would constitute the sole instance of words without an underlying concept (DAMASIO *apud* EAKIN, 2008, p. 67).

Dessa forma, o conceito subjacente que precederá a noção de *self*, segundo Damasio, partirá do pressuposto de que a idéia mesma de *self* seria uma parte indispensável da mente consciente. O *self* seria, assim, um sentimento acerca do conhecimento, através das respostas dadas pelo corpo diante de situações e coisas específicas. As modificações ocorridas no corpo, como forma de adequação ou resposta ao que se põe diante de si, traduzem bem o que ele propõe como sendo um “feeling of knowing” e um “feeling of what happens”. Esses sentimentos ou estados de conscientização constituem uma espécie de *proto-self*, que Damasio define da seguinte maneira: “a coherent collection of neural patterns which map, moment by moment, the state of the physical structure of the organism in its many dimensions” (DAMASIO *apud* EAKIN, 2008, p. 70). O sujeito, não estando consciente desse *proto-self*, não perceberia tampouco a reação somática que responde aos mais diversos estímulos, adequando o corpo ao ambiente e às condições viáveis de sobrevivência: a homeostase. Para Damasio, esse organismo que se modifica ou que se mantém como tal tendo como finalidade última sua sobrevivência seria o antecedente biológico da noção de *self* ou de identidade. A partir disso, Eakin conclui que

From an evolutionary perspective, self is not some abstract philosophical concept but rather a name for a feeling embedded in the physiological processes necessary for survival. Self, then, for Damasio, is first and last *of* and *about* the body; to speak of the *embodied* self would be redundant, for there is no other (EAKIN, 2008, p. 70).

O corpo seria, assim, um repositório de vivências e, mantendo-as, criaria uma singularidade própria, não verbal. Uma espécie de memória autobiográfica das reações às variadas experiências, que seria ela mesma a base para a compreensão da identidade – em outras palavras, um eixo designando os fenômenos que alteram o estado do sujeito, paralelo ou sobreposto a outro eixo, que designaria os elementos de permanência que também constituem a identidade. Pertinente ou não, eficaz ou não para pôr um fim à já tão exaustiva tentativa de definir a identidade pessoal, não cabe nem mesmo a Eakin responder. O que importa é ver como se pode fazer a ligação entre essa possibilidade de explicação da constituição ou da natureza da identidade com uma prática autobiográfica. Não é gratuito que Damasio chama um dos elementos que sustentam a realidade mental de *self* autobiográfico, e será esse elemento que Eakin colocará em cena para pensar a distinção do sujeito ou do *self* no contexto literário da autobiografia e sua contrapartida biológica e não verbal.

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

Os ritmos da consciência que se alteram constantemente a partir de diferentes estímulos externos, quando expressos em um ato autobiográfico, transferem para a materialização desse ato as adequações do corpo às alterações provenientes de fora – a homeostase expressa pela prática autobiográfica de falar sobre nós mesmos, escrevendo uma autobiografia ou mantendo um diário, mapeia tanto a continuidade do idêntico quanto a mutabilidade do transitório e contingente. Damasio considera a narrativa um fenômeno biológico antes de ser lingüístico ou literário, pois sugere que a narrativa somente denota um processo natural de representações imagéticas de sequências de eventos cerebrais. Eakin, por fim, conclui sua reflexão aproximando as duas experiências, aquela no campo das ações rotineiras, como é o caso de falarmos sobre nós mesmo, com a outra pertencente ao âmbito da produção e a recepção de um texto autobiográfico:

When we write autobiography and when we read it, we repeat in our imaginations the rhythms of identity experience that autobiographical narrative describes. I believe that the identity narrative impulse that autobiographies express is the same that we respond to every day in talking about ourselves; both may be grounded in the neurobiological rhythms of consciousness (EAKIN, 2008, p. 79).

## **Conclusão**

Ao iniciar minhas reflexões sobre identidade narrativa, em uma tentativa de compreender o que realmente acontece quando da prática da escrita diarística, imaginei encontrar explicações mais pertinentes dentro do campo filosófico. A exclusão de todo um paradigma da psicologia em relação à questão da identidade e alteridade foi intencional – em especial, a exclusão de Freud e Lacan. O grande incômodo que as teorias da subjetividade oferecidas pela psicanálise me causaram foi, basicamente, em decorrência do fato de substantivarem o *eu* e o *tu* e, assim, neutralizarem o valor relacional do eu, enquanto um pronome pessoal. A relação sujeito-objeto engendrada a partir daí, impossibilitava pensar no desvio reflexivo que se opera na escrita diarística – em que o sujeito desdobra-se sem perder sua essência, sem precisar se objetivizar. Imaginava encontrar elucidações bastante satisfatórias no percurso do conceito de identidade pessoal – desde o seu pilar de sustentação, que foram as postulações cartesianas do cogito, até sua retomada por Ricœur. As provocações de Paul John Eakin, apoiado em Damasio, de que o ato autobiográfico seja determinado por

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.

fatores neurobiológicos, embora exóticas, não estariam de todo distantes de uma constatação básica e inegável: passamos a vida a constituir narrativas que, em sua grande maioria, são narrativas autobiográficas. Embora a prática da escrita diarística venha demonstrar uma tendência à autonarração, que a precede, o diário marcaria um momento fundamental na relação do homem com essa sua tendência inata a “falar sobre si mesmo”: a transferência dessa prática para o campo da escrita e, através disso, a quase materialização de um interlocutor (seja ao eleger o próprio diário como tal, seja ao inventar um destinatário para os escritos), sob a forma de um leitor ideal, de um interlocutor possível – ainda que este venha a ser o próprio diarista. Esses índices de que a escrita diarística estaria criando um espaço de diálogo, de interlocução, mostra que o diário sempre é escrito com vistas a ser lido – ainda que a definição do que seja leitura ou leitor possa ser bastante flexível, nesse contexto específico.

O ritual da escrita diarística passa a ocupar um tempo preciso na rotina do diarista, assim como a escolha do local onde serão feitos os registros – tradicionalmente, longe de olhares indiscretos ou da agitação da sala de visitas. Assim como a preservação de um espaço privado, conquista da civilização ocidental nos últimos séculos, tal afirmação não determina necessariamente uma situação de isolamento do sujeito, de *ensimesmamento* em sua escrita de vida. O maior e mais significativo exemplar da escrita diarística de todos os tempos, o diário de Samuel Pepys, mostra como o diário comporta o dentro e o fora, o pessoal e o coletivo, e como ele pode ser produto de uma prática pessoal – sem que seja considerado forçosamente uma prática íntima, privada ou interdita. A narrativa do confinamento que mais alto tem falado a gerações de leitores, a história de Anne Frank, reitera o quanto de coexistência e vivência gregária podem existir em um texto diarístico.

O que nos interessa, nesse ponto, é tentar traçar o percurso do sujeito, agora, dentro da história (ainda que breve) da prática diarística, e perceber que, apesar do estigma, o diário tem sido uma prática também da socialização, também do auto-reconhecimento através da compreensão da inserção do sujeito no mundo. Uma escrita que visa, sim, a estabelecer um contato com o outro – ainda que materialmente esse contato jamais possa existir.

**ABSTRACT:** Diaries have been considered as some kind of refuge of the self. They would be the privileged territory for the exercise of subjectivity, of the practice of confession and of the promises of authenticity and sincerity. Diaries would differ from fictional texts due to their referentiality, both for their relation to real facts and persons and for their obedience to

*Revista Literatura em Debate*, v. 4, n. 5, p. 64-80, jul.-dez., 2009. Recebido em 25 ago.; aceito em 30 nov. 2009.



an autobiographic pact. This article approaches diaries as a place for relational experiences and of exercise of existential, social and religious functions, among others. It points out to the opposite of the refuge of the self, beginning with the way the self becomes aware of it: not anymore as the center, but as part of a whole.

**KEYWORDS:** Diaries. Narrative Identity. Autobiographic Pact. Otherness.

### Referências

BUTLER, Judith. *Le récit de soi*. Paris: PUF, 2007.

EAKIN, Paul John. *How Our Lives Become Stories*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *How Our Lives Become Stories: Making Selves*. Ithaca and London: Cornell University Press, 1999.

\_\_\_\_\_. *Living Autobiographically: How We Create Identity in Narrative*. Ithaca and London: Cornell University Press, 2008.

LEVY, David. A identidade narrativa: conhecer o si-mesmo é narrar sua história. In: *Mente-Cérebro & Filosofia*. p. 50-57, 2007.